

O APOLÍNEO E DIONISÍACO COMO MANIFESTAÇÕES DA ARTE E DA VIDA

Fernanda Belo Gontijo – Bolsista PET - Filosofia / UFSJ (MEC/SESu/DEPEM)

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro - DFIME / UFSJ (Tutora do Grupo PET Filosofia)

Resumo: Neste estudo buscaremos compreender a relação existente entre arte e vida presente no pensamento do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 -1900). Para tanto, buscamos investigar os dois modos de expressão artística, aos quais Nietzsche chama apolíneo e dionisíaco e que são apresentados em sua primeira obra, *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo* (*Die Geburt der Tragödie oder Griechentum und Pessimismus*) escrita em 1871.

Palavras-chaves: Arte, vida, apolíneo, dionisíaco.

No Prefácio para Richard Wagner presente em *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo* Nietzsche nos diz “estar convencido de que a arte é a tarefa suprema e a atividade propriamente metafísica desta vida”. (NIETZSCHE, 1992, p. 26). Para compreendermos por que a arte é considerada por nosso autor como “tarefa suprema” é importante primeiramente compreendermos porque ela é também “a atividade propriamente metafísica” da vida. A arte se faz uma atividade metafísica porque ela nos fala da realidade a partir de uma “não - realidade”, isto é, por meio de uma mimesis (imitação) daquela. Uma obra de arte é capaz de falar das verdades do objeto ainda que ela não seja o objeto, mas apenas uma representação, uma aparência dele. Isso significa que ela é capaz de inverter os valores de verdade/mentira, já que ela fala a verdade sendo essencialmente uma mentira. Por isso nosso autor a considera “tarefa suprema” da vida, pois ela não deseja se impor de forma absoluta como uma verdade, como outras manifestações da vida (como a religião, por exemplo) mas sabe-se essencialmente mentirosa.

Assim, arte e vida se relacionam à medida que a primeira é uma manifestação da segunda. Manifestação que se expressa segundo Nietzsche, por meio de características apolíneas e dionisíacas. Em termos gerais, podemos chamar apolíneo e dionisíaco tudo o que se relaciona com os mitos gregos de Apolo e Dionísio. No que tange à arte e a vida podemos denominar apolíneas as manifestações que expressem exatidão, harmonia, prudência, ilusão (como por exemplo, as artes plásticas) etc; e dionisíacas as manifestações que expressem desmedida, vibração, autenticidade (como, por exemplo, a música, o sofrimento, o sexo) entre outras. Mas quem são Apolo e Dionísio?

Eis o que Nietzsche nos diz sobre Apolo na seção 1 de *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*:

Essa alegre necessidade da experiência onírica foi do mesmo modo expressa pelos gregos em Apolo: Apolo, na qualidade de deus dos poderes configuradores, é ao mesmo tempo Deus divinatório. Ele, segundo a raiz do nome, o 'resplendente', a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia. (NIETZSCHE, 1992, p. 29).

Retomando a citação, temos Apolo como deus da experiência onírica (do sonho), dos poderes configuradores, deus divinatório, deus resplendente, divindade da luz, deus da bela aparência e da fantasia.

Como deus da experiência onírica (ou do sonho) Apolo figura como deus de uma experiência ilusória que nos aparece como verdadeira, mas que na verdade não nos apresenta mais do que uma falsa realidade. Esta experiência onírica diz respeito também à adivinhação praticada nos templos apolíneos, nos quais aqueles que desejavam saber sobre seu futuro eram introduzidos num processo chamado incubação. A incubação consistia na indução do indivíduo a um "sono", ou melhor, um transe, no qual os "sonhos" eram capazes de revelar o futuro.

Podemos nomear Apolo como "deus dos poderes configuradores" (configurar significa dar forma ou figura de) porque, no mundo grego, ele é aquele que governa a forma, a proporção que gera a harmonia e a "bela aparência" das coisas, inclusive dos sonhos. Por isso, Nietzsche chama apolíneas às artes que privilegiam a harmonia das formas, a figura, a perspectiva, as cores (entre outros elementos) sendo capazes de gerar alguma ilusão e fornecer uma aparência de beleza – ou seja, Nietzsche denomina de apolíneas, sobretudo, às artes plásticas.

Apolo também figura como deus "resplendente" e "divindade da luz" porque a luz também é capaz de gerar ilusão. A resplendência se caracteriza por um grande volume de luz; a tal ponto de se constituir um "espetáculo" de grande beleza e ser capaz de ocultar tudo que está a sua volta. Ela por si mesma se faz aparência.

Apolo possui todos estes atributos porque ele é o mito que expressa os germes do pensamento racional, desenvolvido posteriormente pela filosofia. Mas qual a relação que podemos estabelecer entre Apolo e a razão?

Bem, os mitos em si mesmos não podem ser chamados "racionais", nem mesmo Apolo. Todavia, o mito de Apolo revela experiências que se relacionam com a exatidão, característica muito própria da razão. Mesmo a fantasia apolínea provém da crença na

supremacia da “objetividade”, pois é por meio da simetria das formas que cria-se a ilusão da beleza. A adivinhação também fornece uma ilusão: a de que é possível dominar a existência por meio de artifícios que permitam prever o futuro. Esta ilusão de domínio também é uma característica da razão. A razão acredita que pode dominar a vida por meio de alguns artifícios reflexivos, tais como sua capacidade de calcular, medir e ordenar as coisas.

Em oposição a esta ilusão apolínea de dominação temos a presença dionísíaca. E quem é Dionísio?

Dionísio é, entre outros atributos, o deus da vida, da metamorfose, da desmedida, da morte, do sexo, da dor e da música.

Podemos chamá-lo deus da vida porque Dionísio é um deus genuinamente agrário, originariamente relacionado ao florescer da terra, da vida em seu aspecto mais primordial. Disso deriva o motivo pelo qual Dionísio é a expressão da vida como uma experiência autêntica, na qual a alegria é vivida quando a situação o pede e o sofrimento não é negado quando a dor se lhe apresenta. Dionísio expressa assim, a necessidade de se assumir a vida tal qual ela é, sem artifícios, sem aparências, sem máscaras – muito embora Dionísio seja conhecido como deus - máscara. Contudo, a máscara em Dionísio assume um outro significado, o da metamorfoseabilidade da vida. Para bem compreendermos o que isto significa tomaremos a seguinte versão do mito de Dionísio.

Dionísio é fruto da união ilegítima entre Zeus e Sêmele, e por esta razão é constantemente perseguido por Hera, a esposa (legítima) de Zeus. Zeus por sua vez, atua sempre protegendo o filho dos embustes de Hera. E um dos modos encontrados por Zeus para proteger Dionísio é conferir-lhe diversas aparências, metamorfoseando - o em vários animais diferentes. Mas quem são Zeus e Sêmele? Zeus é o deus imortal que rege a vida dos deuses e dos homens. Sêmele é uma princesa tebana, uma mortal cuja vida vai se esvaír como a de qualquer outro (mortal). Dizer então que Dionísio (deus da vida) é filho de Zeus (deus que rege a vida) e Sêmele (uma mortal) nos permite dizer que a vida se faz plenamente possível quando é tomada desde sua finitude. É por saber-se finita que ela procura meios de se fazer possível, de se afirmar, mesmo que isto implique no uso de alguns artifícios, de algumas “máscaras”. Ora, o que Dionísio faz ao assumir diversas formas, diversas “máscaras” não é mais do que tentar fugir da perseguição de Hera, ou seja, Dionísio assume suas “máscaras” a fim de afirmar-se, a fim de manter-se “vivo”.

E quanto a Hera? Hera, como já dissemos, é a esposa legítima de Zeus, a qual persegue Dionísio, o fruto da união ilegítima de seu esposo com uma mortal. Hera é a deusa que figura como protetora das uniões legítimas, e ao perseguir Dionísio, procura conferir à vida um caráter mais “adequado”, procura enquadrar a vida em padrões mais condizentes com o que, segundo Hera, é a legitimidade da vida. Deste modo, Hera só poderia fazer-se inimiga de Dionísio, pois ela tenta a todo custo dominar a existência do deus da vida, julgando-se capaz de determinar-lhe o momento de sua “morte”. Este domínio, todavia, não cabe em Dionísio, uma vez que a vida é uma experiência que não é passível de dominação. Mas cabe ressaltar, que Hera o faz em função da afirmação de sua existência mesma, pois para manter-se como esposa legítima de Zeus é importante que ela combata as uniões ilegítimas do marido (das quais os filhos são a prova viva).

Retomando os outros atributos de Dionísio, o temos também como deus da morte e do sexo, e isto porque ambos são experiências da mais radical perda de limites. Nelas não há o governo da exatidão apolínea, mas o “auto - esquecimento do estado dionisíaco” (Ibidem, p. 41).

Podemos nomeá-lo deus da dor porque, como deus da vida, Dionísio não permite o uso de ilusões, de artifícios metafísicos para evitar que a dor se manifeste.

Quanto à música dionisíaca, ela não se assemelha ao caráter comedido, simétrico e harmonioso que a arte apolínea apresenta. Assim, Dionísio faz da música uma experiência extasiante, que toma o vivente e permite a ele perder-se nela.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não - figurada, [*Unbildlichen*] da música, a de Dionísio [...] (Ibidem, p. 27).

Dionísio é a expressão da arte não - figurada, isto é, da música em seu aspecto fremente, nada racional e comedido. Apolo também é a expressão da música, porém, de forma diferente, ele é a expressão da música enquanto harmonia matemática e arte capaz de elevar a alma e de torná - la mais virtuosa.

Para Nietzsche, entre todas as artes, a música é a que mais se destaca, pois ela nos atinge de forma diferente das outras; ela nos toca de forma direta e, sem possuir imagens, é capaz de nos lançar nelas. Por isso, para o autor, a tragédia nasce para além dos cantos ditirâmbicos do ritual dionisíaco, mas do próprio espírito da música. Para ele a música é a única arte capaz de dar nascimento ao mito (que é recontado na tragédia). “Música e mito trágico são, de igual maneira, expressão da aptidão dionisíaca de um povo e inseparáveis uma do outro.” (Ibidem, p. 143).

Mas ainda que para Nietzsche a música (dionisíaca) seja a arte capaz de dar nascimento ao mito trágico, não podemos dizer que Dionísio, o deus da “arte não - figurada” não precise de Apolo, o deus da ilusão e das artes plásticas. Isto porque embora as características apolíneas e dionisíacas sejam diferentes, elas não se excluem, mas se completam. E é esta relação complementar entre Apolo e Dionísio que permite o nascimento da tragédia.

Na tragédia grega, o apolíneo faz-se presente principalmente por meio do aspecto fantasioso da encenação trágica. Enquanto no ritual o celebrante tem a experiência do mito, na tragédia existe uma distância entre o mito – feito poesia trágica – e o espectador. Isso porque o que temos na tragédia não é mais do que uma representação, uma encenação do mito, ou seja, o que temos é o mito – experiência viva no ritual – tornado ilusão na tragédia. Assim, é Apolo quem confere forma, aparência à vida (experiência essencialmente dionisíaca) transformando-a em arte trágica. Ao conferir forma ao mito, isto é, ao transformá-lo em arte trágica, Apolo lhe confere uma “bela forma” ou “bela aparência”. E isto para que a o espectador consiga suportar os reveses da vida expressos de forma encenada (imitada) na tragédia. Aqui, o deus da experiência onírica transforma a vida – que em Dionísio deseja mostrar-se como experiência de autenticidade – em “sonho”. E é Apolo quem conduz o espectador ao “transe catártico”¹, ou seja, é Apolo quem propicia a identificação do espectador com a encenação trágica.

Mas cabe a Dionísio a tarefa de lançar o espectador na radicalidade de sua vida, para a realidade dos reveses de sua própria existência, pois a experiência da catarse não deve eximir o espectador de experimentar os reveses em sua própria pele. Assim, Dionísio, enquanto deus - máscara permite que Apolo manifeste também suas “fantasias” durante o espetáculo trágico, mas o permite apenas em função da afirmação da vida que ali é representada.

Para Nietzsche, sem essa relação complementar, ou melhor, sem a “aliança fraterna” entre Apolo e Dionísio a tragédia não seria um espetáculo possível. Isso porque Dionísio necessita de Apolo para tornar a tragédia um espetáculo, uma ilusão repleta de “belas aparências”. Se Dionísio confere vigor ao espetáculo trágico – principalmente por meio da música – permitindo-lhe ser uma mimesis visceral, emocionante da vida, Apolo, por sua vez, confere medida à essa emoção, tornando-a uma experiência suportável e até mesmo

¹ Segundo a página 453 da quinta reimpressão (1986) da primeira edição (1979) do volume I (A-D) do *Diccionario de Filosofia* de José Ferrater Mora (Alianza Editorial) sobre o termo catarse (*katharsis* = purificação) temos: “[...] Se fala em catarse sobretudo em relação à idéia aristotélica da tragédia. Segundo Aristóteles (*Poet.* 1449 b), a tragédia descreve em forma dramática, não narrativa, incidentes que suscitam piedade e temor; deste modo se consegue a catarse (purificação) das paixões. [...]”

apaziguadora. É a presença apolínea na tragédia que faz com que ela não se torne um ritual dionisíaco de liberação das emoções e dos instintos. É Apolo quem evidencia para o espectador o caráter ilusório da tragédia, mostrando por meio de seus elementos cênicos (túnicas, máscaras, coturnos, trocas de cenas...) que os versos ali entoados não são ditirambos feitos para celebrar Dionísio, mas são narrativas míticas realizadas de forma trágica de forma a evidenciarem-se numa representação da vida.

Assim, retirar Apolo ou Dionísio da tragédia significa condenar-lhe ao ocaso. Sem Apolo ela perde seu caráter mimético - ilusório e deixa de ser arte, pois sem a medida apolínea ela retorna ao seu estado primitivo de ritual Dionisíaco, no qual os instintos vitais eram vivamente celebrados. Por outro lado, sem Dionísio (e sem música) a tragédia perde seu vigor e deixa de ser uma expressão da vida, pois torna-se expressão da forma, da métrica e, conseqüentemente, da supremacia da razão, o que, para Nietzsche, faz com que a tragédia perca seu *status* de arte.

Segundo o nosso autor, foi através da dissolução desta “aliança”, em favor somente da medida apolínea, que a tragédia atingiu seu crepúsculo. Voltando-se para a valorização de elementos formais como, por exemplo, a métrica dos versos, a narrativa objetiva dos acontecimentos e a substituição do canto coral pela fala “reflexiva” dos atores que a tragédia foi corrompida, tornando-se instrumento dialético e moralizante. Valendo-se do “Tudo tem que ser inteligível para ser belo” (Ibidem, p. 81) – símile da máxima socrática “Só o sabedor é virtuoso” – a tragédia perdeu seu sentido enquanto manifestação (dionisíaca) da vida, ao mesmo tempo em que se assumiu como busca da verdade por meio da absolutização da forma.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. Vol.2.
- RODRIGUES, Luzia Gontijo. Nietzsche e os gregos: arte e “mal-estar” na cultura. São Paulo: Anna Blume, 2003.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. Trad. J. Guinsburg; Geraldo Gerson de Souza; Alberto Guzik. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- Machado, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- NIETZSCHE, F.W. *O Nascimento da Tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992